

COMUNICAÇÃO

A Racionalidade na Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

José Fernando Souto Jr

Para começar esse texto sobre o racionalismo na obra de Max Weber, procurarei seguir o caminho em que eu possa compreender o autor fazendo-me entender aos outros, seguindo o caminho da racionalidade como fenômeno histórico-sociológico nas páginas da *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. Para iniciar é importante frisar que esse texto não se pretende trazer uma discussão acabada, bem fechada ou uma conclusão de algo antes ainda não pensado, ao contrário, é um trabalho pontual sobre o conceito e o autor.

A escolha da *Ética protestante e o espírito do capitalismo* como obra merecedora para este exercício deve-se ao fato de que compreendo ser ali onde Weber expõe seus conceitos principais como resultado de suas pesquisas. Assim, é possível resgatar a idéia weberiana da racionalidade relacionada a um estudo de caso como consequência da produção desse autor no espaço e no tempo.

Weber (1999: 01) inicia seu texto com a seguinte questão:

No estudo de qualquer problema da história universal, um filho da moderna civilização européia sempre estará sujeito à indagação de qual combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de na Civilização Ocidental, e somente na Civilização Ocidental, haverem aparecido fenômenos culturais dotados (como queremos crer) de um desenvolvimento universal em seu valor e significado.

Sua preocupação é entender o fenômeno de como determinadas características se apresentam apenas à cultura ocidental de forma universal. A ênfase é dada a tentativa de entender esse fenômeno cultural próprio dessa civilização, ou seja, aquilo que é específico a esta formação cultural.

Para isto o autor discorre sobre a manifestação dessas características da cultura ocidental, começa pela ciência em vários países e continentes. Mas conclui que somente no “*Ocidente existe a ‘ciência’ num estágio de desenvolvimento que atualmente reconhecemos como ‘válido’*”. Com isto Weber quer chamar atenção para a racionalização (adequação de meios a fins) presente nesta cultura. “*O mesmo ocorre com a Arte*”, com a arquitetura, com as “*escolas superiores*” que foram capazes de dar

Um tratamento racional, sistemático e especializado da ciência por especialistas treinados, em um sentido que se aproximasse de seu atual papel de dominância na cultura contemporânea, não existiu senão no Ocidente. Isto é verdade, principalmente, no que se refere ao funcionalismo especializado, base do Estado Moderno e da moderna economia Ocidental (WEBER, 1999: 03).

Ainda segundo este autor, o Estado como entidade política e com uma constituição racionalmente redigida e um Direito racionalmente ordenado, além de uma administração orientada por regras racionais e gerida por funcionários especializados é também uma característica do Ocidente. A racionalidade está presente nos vários níveis sociais da sociedade ocidental, para o autor “*o mesmo ocorre com a força mais significativa de nossa vida moderna: o Capitalismo*” (WEBER,1999: 04).

O impulso para o ganho, e a gana pelo lucro, lucro o mais alto possível, segundo Weber, não tem nada a ver com capitalismo. “*Isto não passa de uma noção ingênua que pertence ao jardim da infância da história da Cultura. O desejo de ganho ilimitado não se identifica nem um pouco com o capitalismo*” (WEBER,1999: 04). Mas é a noção de capitalismo de Weber que nos interessa mais, por enquanto, e que será fundamental para discernirmos o fenômeno da racionalização e a afirmação anterior e entendermos um ponto metodológico. Sua noção de capitalismo é a seguinte: “*O capitalismo, na organização capitalista **permanente**¹ e racional, equivale à procura do lucro, de um lucro sempre renovado, da ‘rentabilidade’*”. Antes, no entanto, de procurarmos entender o que

¹ Grifos meus.

significa para Weber o capitalismo, é importante tentarmos entender o seu conceito de ação, sem o qual seria impossível prosseguir.

Para Weber, o foco de sua sociologia encontra-se na apreciação da ação social. Dessa forma, a sociologia procura compreender o sentido da ação² dada pelo indivíduo, e esta é ação social porque gera relações sociais que extrapolam inclusive os fins visados pelo agente. Neste ponto encontramos a sua sociologia compreensiva.³ *“O que ele sustenta é que o ponto de partida da análise sociológica só pode ser dado pela ação de indivíduos e que ela é ‘individualista’ quanto ao método”* (COHN, 1979: 26). Para ficar claro: *“o que está na mira da sociologia weberiana não é a ‘ação’ de um indivíduo, mas a ação social”* (SAINT-PIERRE, 1995: 55). *“A compreensão dos sentidos subjetivos implica uma*

² Para Hanna Arendt, a pluralidade humana é condição básica da ação e do discurso. Segundo ela, a ação tem três malogros: a imprevisibilidade dos resultados, a irreversibilidade do processo e o anonimato dos autores. *“A ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens... É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o labor, nem se rege pela utilidade, como o trabalho. Pode ser estimulada, mas nunca condicionada, pela presença dos outros em cuja companhia desejamos estar... Se a ação, como no início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais... De qualquer modo, desacompanhada do discurso, a ação perderia não só o seu caráter revelador como, e pelo mesmo motivo, o seu sujeito, por assim dizer: em lugar de homens que agem teríamos robôs mecânicos a realizar coisas que seriam humanamente incompreensíveis. Sem o discurso a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras... A ação só se revela plenamente para o narrador da história, ou seja, para o olhar retrospectivo do historiador, que realmente sempre sabe melhor o que aconteceu do que os próprios participantes. Todo relato feito pelos próprios atores, ainda que, em raros casos, constitua versão fidedigna de suas intenções, finalidades e motivos, não passa de fonte útil nas mãos do historiador, e nunca tem a mesma significação e veracidade da sua história... A ação, portanto, não apenas mantém a mais íntima relação com o lado público do mundo, comum a todos nós, mas é a única atividade que o constitui”* (ARENDR, 1995: 188-259).

³ Para uma melhor compreensão do termo e da sociologia compreensiva ver (COHN, 1979; FREUND, 1975: 67 a 99; ARON, 1995: 468 e 469; TIMASHEFF, 1965: 223 a 234; SAINT-PIERRE, 1994: 53 a 65).

*classificação dos tipos de conduta e leva à percepção da sua estrutura inteligível*⁴ (ARON, 1995: 465).

*Por ‘acción’ debe entenderse una conducta humana (bien consista en un hacer externo o interno, ya en un omitir o permitir) siempre que el sujeto o los sujetos de la acción enlacen a ella un sentido subjetivo. La “acción social”, por tanto, es una acción en onde el sentido mentado por su sujeto o sujetos está referido a la conducta de otros, orientándose por ésta en su desarrollo (WEBER, 1997:05).*⁵

O sentido dado a uma conduta é que pode transformá-la em ação. Assim, uma omissão, dependendo do sentido atribuído a ela, transforma-se em ação⁶.

O autor classifica a ação em quatro tipos principais:

- **Ação racional com relação a fins ou com propósito ou ação instrumental:** é toda e qualquer ação que adequa os meios aos fins desejados. Aqui os fins justificam os meios. É o tipo de ação predominante na sociedade capitalista;
- **Ação racional com relação a valores:** é aquela em que se age racionalmente adequando os meios aos fins, só que os meios têm de estar de acordo com algum valor, não podem ser incompatíveis com o valor buscado, seja o valor moral, religioso, ético, etc.; o ator age racionalmente, aceitando todos os riscos, não para obter um resultado extrínseco, mas para permanecer fiel à sua idéia de honra;
- **Ação com relação à tradição** (ou ação tradicional): é aquela ditada pelos hábitos, costumes, e crenças.
- **Ação afetiva:** é a ação ditada imediatamente pelo estado de consciência ou o humor do sujeito. Em todos os casos, a ação é definida por uma reação emocional do ator, em determinadas circunstancias e não em relação a um objetivo

⁴ Esta afirmação pode servir como síntese de como são formados os Tipos Ideais weberianos.

⁵ “Ação social é uma ação cujo significado subjetivamente atribuído pelo sujeito ou sujeitos tem como referência a conduta dos outros, orientando-se por esta em seu desenvolvimento” (VILLA NOVA, 1989: 46).

⁶ Sobre a diferença entre conduta e ação ver (SAINT-PIERRE, 1994: 54-55).

ou a um sistema de valores (ARON, 1995: 464; OLIVEIRA, 1997: 02).

Voltando a definição weberiana de capitalismo:

Chamaremos de ação econômica 'capitalista' aquela que se basear na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades (formalmente) pacíficas de lucro. Em última análise, a apropriação (formal e atual) do lucro segue os seus preceitos específicos, e, (conquanto não se possa proibi-lo) não convém coloca-la na mesma categoria da ação orientada para a possibilidade de benefício na troca. Onde a apropriação capitalista é racionalmente efetuada, a ação correspondente é racional calculada em termos de capital (WEBER, 1999: 04-05).

Dessa maneira, o autor distingue entre a ação orientada para a possibilidade de benefício na troca da ação econômica capitalista. A primeira é mera troca com vistas ao lucro, já a segunda envolve o cálculo racional possibilitado graças ao desenvolvimento da contabilidade (o ajustamento dos lucros ao investimento) e do direito. Mas a parte fundamental da diferenciação que Weber pretende fazer é chamar atenção para as relações de mercado da sociedade moderna que se baseiam em operações racionais. Mas uma pergunta surge: é possível compreender o conceito de racionalidade sem o conceito de ação social?

Nisto reside o importante, no cálculo do capital em dinheiro, seja através de modernos meios contabilísticos, seja através de qualquer outro meio, por mais primitivo e superficial que ele seja. Tudo é feito em termos de balanço: a previsão inicial no começo da empresa, ou antes de qualquer decisão individual; o balanço final para verificação do lucro obtido (WEBER, 1999: 05).

É nisso que se fundamenta o conceito de racionalidade: o cálculo, sinônimo de adequação de meios fins (VILLAS BOAS, 1997: 05). Mas se a racionalidade é vista por nosso autor como expressão da vida moderna, como empresas antigas sobreviviam sem esse cálculo? Segundo Weber, algumas empresas utilizam de convenções, tradições ou mesmo de adivinhação para obter o lucro, este fato pode ocorrer ainda hoje em empresas capitalistas quando as circunstâncias não exijam precisão absoluta. Esses fatos não afetam a

racionalidade da aquisição capitalista. Ainda segundo o autor, o Capitalismo e empresas capitalistas existiram em todos os países civilizados da terra, inclusive com uma dose de racionalismo. Não eram empreendimentos isolados e nem tão pouco deixavam de primar pelo lucro renovado. Existiam inclusive como empreendimentos duradouros. A diferença para o Ocidente está na gama de significados, de tipos, formas e direções “*que antes não existiram em parte alguma*”. Além disso, o Ocidente ao lado do capitalismo, veio a conhecer a “*organização capitalística racional assentada no trabalho livre*” abre parênteses e conclui “*(formalmente pelo menos)*” fecha parênteses.

A empresa capitalista não teria sido viável se não houvesse existido dois outros fatores: a separação da empresa da economia doméstica, o que significa a “*separação jurídica dos bens da empresa dos do indivíduo*” (WEBER,1999: 08); além da criação da contabilidade, o que permitiu o cálculo racional. Seu significado atual tem sido possível graças à “*associação à organização capitalística do trabalho*”. E este ponto é fundamental para entendermos a “*Ética*”. Pois “*o cálculo exato – base de todos os demais – só é possível no plano do trabalho livre*” institucionalizado (WEBER,1999: 08), fato primordial para a existência do proletariado moderno e, conseqüentemente, para a existência da luta de classes, ainda segundo este autor.

Ora, agora é possível entender a relação entre o conceito de ação social e de racionalidade. A ação social torna-se compreensível porque, como nos diz Hannah Arendt (1995), ela não acontece de forma isolada, ao contrário, ela gera o espaço público, criando uma teia de relações sociais. Segundo Weber, o sujeito atribui um significado subjetivamente visado na ação social ao tomar como referência a conduta dos outros, orientando-se por esta em seu desenvolvimento. A racionalidade é fruto da ação social racional, pois os indivíduos calculam suas ações baseados no comportamento dos outros. O problema surge quando pensamos na ação tradicional ou afetiva, ainda que a expectativa com relação ao comportamento do outro esteja presente no desenvolvimento da ação, falta-lhe a adequação de meios e fins, e este parece ser o problema para Weber.

A sociedade e o sistema capitalista não seriam viáveis sem a ação social, mas acima de tudo, seriam inviáveis sem o cálculo racional baseado na adequação de meios a fins. De outra forma, a concepção weberiana de empresa, que pressupõe: iniciativa, singularidade, renovação, etc. não existiria. Nesse ponto entram as relações de trabalho livre. O sistema capitalista prescinde da ação e esta não seria possível onde não houvesse o trabalho livre, “*conditio sine qua non*” para a inovação, a singularidade, e o cálculo; os homens agem calculando todo o tempo o tempo todo. O mesmo problema colocado no parágrafo anterior, e ainda não respondido, volta novamente aqui e é a razão, ao que tudo indica, da motivação weberiana para escrever a ética. Que questão é esta? Fica para o final.

Ele vai colocando o que de fato quer com a discussão que anuncia na ética:

Dessa forma, o que nos interessa numa história universal da cultura, mesmo do ponto de vista puramente econômico, em última análise, não é tanto o desenvolvimento da atividade capitalística como tal, diferindo nas várias culturas apenas na forma (...) São, antes, as origens desse sóbrio capitalismo burguês, com a sua organização racional do trabalho. Em outras palavras, do ponto de vista da história da cultura, a origem da classe burguesa ocidental e de suas peculiaridades é um problema que certamente se relaciona de perto com a origem da organização capitalística do trabalho, não sendo, entretanto, simplesmente a mesma coisa⁷ (WEBER, 1999: 10).

Neste ponto o autor passa a relacionar o desenvolvimento do capitalismo com a influência da técnica propiciada pela ciência ocidental e afirma que o próprio capitalismo influenciou com seus interesses a ciência ocidental a partir da sua “*aplicação prática na economia*”. A utilização técnica da ciência foi impulsionada, de certa forma, por “*considerações econômicas que se assentavam nela no Ocidente*”. Weber faz a pergunta: de que parte dessa organização tal impulso deve ter saído, já que de todas as partes em igual não deve ter sido?

Entre os fatores incontestáveis para Weber encontram-se as estruturas racionais do direito e da administração, que se influenciam

⁷ Grifos meus.

intimamente. Nesse momento o nosso autor pergunta-se por quê esse fenômeno é uma característica singular do Ocidente? “*Por que só aqui, quando as possibilidades também estavam presentes em quase todo lugar?*” (JASPERS, 1977: 125) “*Porque em todos os casos citados trata-se do ‘racionalismo’ específico e peculiar da cultura ocidental*” responde Weber (1999: 11). Mas o autor não esmorece ao afirmar que racionalizações têm existido em todas as partes e em todas as culturas. Para encontrar a diferença entre elas faz-se necessário olhar em que esfera e direção elas ocorrem (meios-fins). Mas o que significa isso? Em primeiro lugar, é possível perceber que nosso autor está interessado na singularidade do racionalismo ocidental, e para entender esse fenômeno ele preocupa-se com as raízes deste, ou seja, os fatores subjetivos que levaram ao desenvolvimento de uma cultura com profundo sentido racional em suas ações, diferente de qualquer outra e que se impõe, inclusive, sobre outras. Neste ponto é clara a rejeição weberiana pelo determinismo econômico e sua opção em encontrar em outras esferas sociais a causa para questões sociais. Ele não se contenta com isso e a partir da afirmação feita entendemos também sua opção metodológica por uma ciência que não seja finalista, que não dê respostas fechadas para as questões sociais. Nesse caso, Weber não acredita que exista uma ciência da cultura capaz de abarcar a realidade como um todo. Para ele,

Cada pesquisa é particular, e que o todo é inacessível (...) a realidade é individual, infinita, inesgotável em cada uma das suas figuras: as leis que valem para estas não permitem que delas se deduza o real (...) sempre e em qualquer tempo a realidade é individual, numa infinita diversidade histórica (JASPERS, 1975: 131).

Mais ainda! Em segundo lugar, Weber nos remete, podemos dizer assim, ao seu conceito de legitimidade: “*O racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional*”. Isto coloca a questão de que os homens aceitam o modo de vida racional. Assim, ele vai anunciando aos poucos o seu intento:

As forças mágicas e religiosas, e os ideais éticos de dever deles decorrentes, sempre estiveram no passado entre os mais importantes elementos formativos da conduta. É com elas que se ocupam os estudos aqui reunidos e ordenados (WEBER, 1999: 11).

Ele anuncia que é na origem da classe burguesa e de suas peculiaridades que podemos encontrar a afinidade motivadora da organização capitalística do trabalho. Aqui o autor começa a trazer para os homens de carne e osso a sua tentativa de explicação da ordem social. Em outras palavras, o autor preocupa-se com o “*ethos*” cultural ocidental, uma mentalidade racional econômica que norteasse o desenvolvimento da sociedade moderna.

Segundo Oliveira (1997: 03),

É inaceitável para o individualismo weberiano que o destino humano possa ser decretado por um sistema econômico. Em algum nível, haveria de existir algum tipo de liberdade, possibilitadora da existência de escolhas. Ele mesmo, Weber, compartilha do ponto de vista de que é necessário existir algum valor por trás das atitudes humanas, pois o contrário significa mover-se em um ‘mundo desencantado’, destituído de ideais.

Mas onde encontrar este “*ethos*” cultural? Weber vai encontra-lo na religião, especificamente nas seitas protestantes. A Reforma Protestante é o marco decisivo para a instauração da mentalidade do homem moderno. E qual seria esta? O autor parte da associação feita pelo protestantismo entre atividade secular e a salvação da alma (OLIVEIRA, 1997: 06; VILLAS BOAS, 1997: 07-08).

Por meio da idéia de VOCAÇÃO Weber procura entender o modo de vida que permitiu o sucesso do capitalismo e que tem seu fundamento na religião. A procura desse fundamento religioso para explicar como os homens deram legitimidade ao sistema tem uma íntima relação com o conceito de ação social, já que este pressupõe a liberdade de escolhas dos indivíduos, ponto importante para entender a legitimidade do sistema. Outro dado ligado ao conceito e mencionado no início dessa discussão e que por isso merece atenção tem a ver com as conseqüências imprevistas da ação, fato responsável pela irracionalidade da ação.

Weber inicia o capítulo II da ética fazendo citações de Benjamin Franklin tentando entender o “*ethos*” cultural a partir de suas pregações onde o ponto norteador é a quantificação do tempo como dinheiro⁸: “*tempo é dinheiro*”. Esta filosofia nosso autor chama de “*filosofia da avareza*” (WEBER, 1999: 31). O termo VOCAÇÃO é definido por Weber como a obrigação que o indivíduo deve sentir e realmente sente, com relação ao conteúdo da sua atividade profissional. Esta concepção na forma que entendemos surgiu apenas no sistema capitalista e tem suas raízes na Reforma. O termo VOCAÇÃO foi entendido como um dom especial atribuído ao indivíduo pela vontade de Deus, vontade divina, e é entendida como predestinação.

Foi, portanto, nesse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do Protestantismo, descartado pela divisão católica dos preceitos éticos, e segundo a qual a única maneira de viver aceitável por Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese⁹ monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação (WEBER, 1999: 53).

A combinação está baseada em muito trabalho e renúncia ao prazer. O sacrifício. Ponto fundamental para o acúmulo capitalista, pois todo o dinheiro que for adquirido com o trabalho é reinvestido na empresa ou colocado na poupança. Restringia-se assim todo tipo de gasto com o luxo e exigia-se cada vez mais disciplina no trabalho e na utilização do dinheiro. É a contenção dos impulsos irracionais e naturais, em favor da ação disciplinada e racional. Os resultados obtidos nos ganhos significavam os sinais da sua eleição. O resultado dessa ética é um apelo à ação no mundo ao mesmo tempo em que significava um **desencantamento** com as esferas mágicas da religião e dos instintos pessoais, é um apelo a razão, acima de tudo. (TOURAINÉ, 1997: 32-33). O puritanismo estimulou os homens

⁸ Um texto importante para o entendimento dessa quantificação do tempo como dinheiro pode ser encontrado em THOMPSON (1979: 239-293).

⁹ ASCESE, s.f. Exercício espiritual de devoção, de mortificação e meditação religiosa. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. MEC/FAE. Rio de Janeiro, 1984. p: 136.

para a ação ascética no mundo. Essa ética libertou os homens para o consumo e para a ânsia de lucro. O tratamento do trabalho como uma VOCAÇÃO é parte fundamental para o trabalhador moderno da mesma maneira que é para a atitude aquisitiva do empresário. A VOCAÇÃO é um misto de ação e renúncia que se condicionam. Mas este mesmo conceito abriu a possibilidade para a moderna divisão do trabalho e da especialização, ponto fundamental para entendermos também o crescimento da burocracia como fenômeno da racionalização cada vez maior na produção e também como forma de dominação¹⁰. A disciplina e a contenção dos impulsos significaram um novo modo de vida baseado na racionalização da conduta em todas as esferas da vida social.

Deus predeterminou todos os homens, seja para um perene estado de graça, seja para a danação eterna; homem algum pode alterar nada nisso; mas ele pode procurar sintomas da condição que o inescrutável juízo divino lhe determinou; nem por isso ele pode retirar qualquer certeza dos sintomas; a dúvida sempre persiste. Um sintoma é, então, que ele obtenha êxito através de sua ação no mundo; daí que a incansável dedicação ao plano e à obra pelo empresário e pelo trabalhador não visem o lucro ou os prazeres do mundo, mas sim busquem um sinal de que cada qual esteja determinado pelo estado de graça. Caso ele se pusesse a gozar o seu ganho, ao invés de usá-lo para a ampliação do seu êxito e, por essa via, para a glorificação de Deus neste mundo, então isso se converteria num sinal do contrário. A persistente incerteza sobre o estado de graça. Mesmo quando os sintomas de êxito são os mais grandiosos, impele-no sem repouso em busca de mais (JASPERS, 1977: 124 - 125).

Mas, para Weber, “Os resultados culturais da Reforma foram em boa parte conseqüências imprevistas, e por isso mesmo não-desejadas, do trabalho dos reformadores, muitas vezes bastantes divergentes, e até opostas ao que eles realmente desejavam” (WEBER, 1999: 61). É desta citação que podemos entender a irracionalidade na obra weberiana. Ela aparece como resultado da nossa vida afetiva, por permanecermos sempre submetidos às mesmas paixões e necessidades, no acaso e na imprevisibilidade “no mundo se confrontam valores múltiplos e fins últimos que, por sua própria pluralidade, sustentam a

¹⁰ Sobre isso ver (WEBER, 1993; 1971: 223 a 282; 1997: 170 a 240).

irracionalidade (...) a escolha é por excelência geradora de conflitos” (FREUND, 1975: 25-6). O segundo aspecto da irracionalidade tem a ver com os efeitos imprevistos da ação¹¹, e que se apresenta na citação acima. Segundo Jaspers (1977: 21) “*Os homens sofrem porque ao longo do tempo o resultado de suas ações não correspondem aquilo que desejavam*”¹².

E o sofrimento trazido por estas questões é justamente o desencanto do mundo causado pela racionalização. É a inversão encontrada por Weber no espírito do capitalismo. E esta é a responsável pela resposta que fiquei devendo: a questão da ação afetiva e tradicional que são suprimidas em favor da ação racional que se torna irracional à medida que o acúmulo de dinheiro passa ser a prioridade, o afã do ganho e o acumular destituído de valores.

Não poderia o velho satisfazer-se com 75 mil dólares por ano e descansar? Não! A frente da loja deve ser aumentada para 400 pés.

¹¹ Importante discussão sobre os efeitos inesperados da ação pode ser visto em Hannah Arendt quando esta discute a diferença entre a ação e a fabricação. Um dos fatores importantes desestimuladores da participação dos homens nos negócios públicos, diga-se aí a política, são as conseqüências inesperadas ou imprevistas da ação, principalmente se estas forem maléficas. Na ação é impossível a irreversibilidade do processo. A fabricação, ao contrário e segundo esta autora, é um processo controlado pelos homens todo o tempo (1995). Uma frase encontrada no livro de Julien Freund (1975: 28) resume bem o que se quer dizer com isto: “*o bem está longe de resultar do bem, como o mal está longe de resultar do mal. A realidade é infinitamente mais complexa. As conseqüências mais desastrosas acompanham muitas vezes as intenções mais puras e mais nobres*”.

¹² Essa discussão traz para nós o dilema weberiano da *ética da responsabilidade* e da *ética da convicção*. O dilema está presente nos textos da *Política como vocação e Ciência como vocação* (WEBER, 1971: 97 a 183). O indivíduo que faz uso da *ética da responsabilidade* leva em conta o possível avaliando os meios mais apropriados para atingir um determinado fim (meios-fins), consciente das conseqüências que podem advir do seu ato de escolha. Já com a *ética da convicção* o indivíduo não faz referências às conseqüências, age apenas pelos sentimentos ligados a sua causa. O primeiro seria o político e o segundo poderia ser o revolucionário ou mesmo o burocrata. A união dessas duas éticas para Weber teria como resultado o homem ideal. “*A razão de sua ação é a ‘causa’ enquanto que a responsabilidade, no caso em que sua ação fracasse, será imputada à ‘insensatez do mundo’ que não permitiu ver a nobreza daquela (...) é a ética que Weber ver como a-cósmica, e também a-histórica, por ser descontextualizada, e, como tal, indiferente às particularidades conjunturais a que a política está submetida*” (SAINT-PIERRE, 1994: 103).

Por quê? Porque isso supera tudo – diz ele. À noite, quando sua mulher e filha lêem juntas, ele quer ir para a cama. Aos domingos, olha para o relógio cada cinco minutos, para ver quando estará no fim o dia. Que vida fútil! (WEBER, 1999:224).

Essa racionalização suprimiu, ao que parece, valores fundamentais da cultura ocidental, tais como a criatividade e a autonomia da ação, isto com relação à burocracia por exemplo (GIDDENS, 199 :251). Criando assim um cárcere de ferro, ou como prefere Weber ao terminar seu livro: “*O destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro*”.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARENDT, Hannah. (1997), *A condição humana*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 7ª edição.
- ARON, Raymond. (1987), “Max Weber”. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo, Martins Fontes/ Ed. UnB. 2ª ed. p 461, 540.
- COHN, Gabriel. (1979), *Max Weber*. São Paulo, Ática.
- FREUND, Julien. (1975), *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro, Forense-universitária.
- GIDDENS, Anthony. (1994), *Capitalismo e moderna teoria social*. 4º ed. Lisboa, Editorial Presença.
- _____. (1991), *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- JASPERS, Karl. (1977), “Método e visão do mundo em Weber”. In Gabriel Cohn (org) *Sociologia para ler os clássicos*, Rio de Janeiro-São Paulo, Livros T. e Científicos Editora S.A. p 121-135.
- LÖWITZ, Karl. (1997), “Max Weber e Karl Marx”. In René E. Gertz (org). *Max Weber e Karl Marx*. 2º edição, São Paulo, HUCITEC. p:17 - 31.
- OLIVEIRA, Paulo Sérgio de. (1997). *Notas sobre a sociologia de Max Weber*. (mimeo).
- THOMPSON, E. P. (1979), “Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial”. In *Tradición revuelta y consciencia de*

- clase, estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial.* Barcelona, Editora Crítica-Grijalbo.
- TOURAINÉ, Alain. (1997), *Crítica da modernidade*. 4º Edição. Petrópolis, Vozes.
- SAINT-PIERRE, H. (1994), *Max Weber: entre a paixão e a razão*. Campinas, Editora da Unicamp.
- TIMASHEFF, N. (1965), *Teoria Sociológica*. Rio de Janeiro, ZAHAR.
- VILLA NOVA, Sebastião. (1989), *Introdução à sociologia*. São Paulo, Atlas.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. (1997). *Ascese e Prazer: Um capítulo esquecido da polêmica Weber/Sombart*. (mimeo).
- WEBER, Max. (1971), *Ensaio de sociologia de Max Weber*. In Mills, C.W. e GERTH, H. (org). Rio de Janeiro, ZAHAR. p 97-153, 211-28.
- _____. (1997), *Economia y sociedad*. México, Ed. Fondo de Cultura Económica.
- _____. (1993), *Parlamento e governo: crítica política do funcionalismo e da natureza dos partidos*. Petrópolis, Vozes.
- _____. (1999), *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13º ed. São Paulo, Editora Pioneira.